

*Formando pequenos leitores: o direito e o poder da
literatura na educação infantil*

*Forming young readers: the right to literature and its
power in child education*

Moisés Gonçalves dos Santos Júnior¹
Marcela Verônica da Silva²

RESUMO: Ler é (re)interpretar a vida e o mundo pelo prisma da arte, tornando-se processo fundamental na constituição de indivíduos críticos e emancipados. Incentivar a leitura literária desde a mais tenra infância suscita grandes possibilidades desse hábito ser permanente e incorporado por toda a vida pelos pequenos leitores. A premissa maior deste estudo repousa em demonstrar, por meio de revisão bibliográfica, a relevância e contribuição da literatura no desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e na alfabetização de crianças da Educação Infantil, formando leitores mesmo quando estes ainda não decifram os códigos linguísticos da leitura e da escrita. Para tanto, pretende-se recorrer a abordagens teóricas sobre o tema presentes nas obras de Antonio Candido (1972; 2004), Regina Zilberman (2003), Nelly Novaes Coelho (2000), Fanny Abramovich (1993), Maria Zaira Turchi (2004) entre outros.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Literatura Infantil. Educação Infantil.

¹ Doutorando em Letras (Literatura e Vida Social) pela UNESP/ Câmpus Assis. E-mail: moises_jr3@hotmail.com

² Doutora em Literatura pela UNESP/Assis, e professora na mesma instituição no Departamento de Literatura. E-mail: maveronica83@yahoo.com.br.

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 17	n. 30	p. 159 - 175	Recebido em: 31 out. 2015. Aprovado em: 30 nov 2015.
--------------------------------	-------------------------	-------	-------	--------------	---

INTRODUÇÃO

Ao longo da Educação Infantil, incentivar a leitura literária nas atividades escolares tem-se demonstrado de grande relevância na organização das experiências, na compreensão dos fatos e na relação com outros na mente dos pequenos. A leitura cria possibilidades da percepção do senso estético que, concomitantemente ao crescimento emocional e intelectual, colaboram para a formação integral das crianças.

O objetivo deste estudo é ratificar a importância e os benefícios da literatura nas atividades propostas a alunos da Educação Infantil, atentando-se, mormente, no trabalho com livros e textos inseridos na categoria literatura infantil, pois são concebidos com o intuito de explorar o imaginário infantil e ampliar seus horizontes de expectativas.

A pesquisa justifica-se na medida em que se faz necessário olhar para a literatura como instrumento sadio não somente estimulador do lúdico e das interações, mas como portadora de um bem imenso ao desenvolvimento infantil, agindo na estruturação do pensamento, da linguagem, das emoções e na resolução de problemas que permeiam o frágil mundo das crianças. Este artigo também pode servir para orientar, mesmo que superficialmente, os educadores no trabalho adequado com o texto literário na Educação Infantil, além de inspirar pesquisadores a aprofundar os estudos e análises pertinentes a essa temática tão inquietante no cenário educacional vigente.

A metodologia empregada na realização deste estudo é a revisão bibliográfica, onde através de um vasto e diverso referencial teórico pode-se depreender como a literatura pode agir e transformar o ser humano, salientando os pequenos leitores como sementes promissoras no processo de construção do hábito de leitura.

Deste modo, a explanação dividir-se-á em duas partes: a primeira tecerá considerações a respeito da literatura como fonte de transformação e humanização das pessoas; a segunda traz à luz argumentos que defendem a presença da literatura na Educação Infantil como agente fundamental no desenvolvimento integral

Moisés Gonçalves dos
Santos Júnior

Marcela Verônica
da Silva

da criança, no estímulo e contato íntimo e duradouro com a arte literária.

1. A literatura como instrumento humanizador

No ensaio *A literatura e a formação do homem* (1972), Antonio Candido, visto por muitos como o maior crítico literário brasileiro, salienta a função psicológica contida na literatura, já que sua produção e fruição baseiam-se numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia para a vida humana, escapando assim da realidade cotidiana. Logo, a ilação do autor é que ficção e fantasia são elementos fundamentais à sobrevivência social e emocional dos indivíduos. Ainda consoante Candido *apud* Samori (2011, p. 54), “Contar e narrar histórias são manifestações que trazem a possibilidade de viver a ficção, têm uma importância e uma função para a humanidade desde os tempos mais remotos, em que as tradições orais perpetuavam tradições, ensinamentos, moral”.

É preciso perceber a realidade do conto, do mundo encantado do poder ser, para se compreender o efeito que as histórias milenares produzem até hoje no ser humano que somos. Longe de ser ilusão, o maravilhoso nos fala de valores humanos fundamentais que se atualizam e ganham significado para cada momento da história das sociedades humanas no instante em que um conto é relatado [...]. Traz na sua própria natureza a possibilidade atemporal de poder falar da experiência humana como uma aventura que todos os seres humanos compartilham, vivida em cada circunstância histórica de acordo com as características específicas de cada lugar e de cada povo (MACHADO, 2004, p. 24).

Outra peculiaridade do texto literário apontada por Candido (1972, p. 3) é seu caráter educativo e formador de personalidade, ou seja, a literatura pode formar, todavia não segundo os moldes da chamada pedagogia oficial (que a vê ideologicamente como um veículo da tríade: o verdadeiro, o bom e o belo), mas sim como a vida educa, com seus altos e baixos, atuando profundamente na subjetividade de cada um. “Quero dizer que camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras de arte que lemos e que atuam de maneira

Formando pequenos
leitores: o direito e o
poder da literatura na
educação infantil

Forming young
readers: the right
to literature and its
power in child
education

que não podemos avaliar”.

Vista com objetivo artístico e enquadrada no sistema basilar PRODUTOR – OBRA – LEITOR, literatura “São todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, [...] até as formas mais complexas, difíceis da produção escrita” (CANDIDO, 2004, p. 174).

Moisés Gonçalves dos
Santos Júnior

Marcela Verônica
da Silva

162

A literatura [...] diferentemente da ciência e da técnica, é, foi e continuará sendo, enquanto existir, um desses denominadores comuns da experiência humana, graças ao qual seres vivos se reconhecem e dialogam, não importa o quão distintas sejam suas ocupações e desígnios vitais, as geografias e as circunstâncias em que existem e, inclusive, os tempos históricos que determinam seu horizonte (LLOSA, 1993, p. 380 - grifo nosso)

Coaduna com estes pensamentos Ana Maria Machado (2007, p. 58), que nas discussões da literatura como arte acredita que as múltiplas relações entre obra e leitor por meio da narrativa ficcional “[...] rompe a diferença individualista e acostuma o leitor a sair de si mesmo e viver outras vidas – e isso enriquece sua bagagem de experiência emocional de abertura para o outro”, convidando o leitor, através da fantasia e do mágico, a adentrar ao universo das relações sociais, às múltiplas histórias de vida e aos inúmeros significados subjetivos propostos. “[...] a ficção permite viver uma multiplicidade de vidas e de experiências diversas, entender as emoções e razões alheias e, assim, ilumina nossa própria realidade” (MACHADO, 2007, p. 55), isto é, o contato com o texto ficcional permite, segundo Candido (1972), compreender a realidade que nos cerca pela ficção.

As relações que podem se criar entre os elementos de uma obra literária e a recepção do leitor são múltiplas. Os sentidos atribuídos por cada um trazem sua própria história e por meio da obra literária, também trazem a história que a revela. Quando os sentidos são compartilhados por mais de um leitor, multiplicam-se as possibilidades, porque entram em cena os papéis sociais vividos por cada um, além do elemento ficcional que está contido na própria obra literária (SAMORI, 2011, p. 56).

Para Antonio Candido (1972), obra e sociedade completam-se mutuamente em suas reações e repercussões. Deste modo, o autor defende a importância da democratização não apenas da literatura, mas das artes em geral, uma vez que a experiência estética torna-se um direito inalienável. Machado (2007, p. 54), ao também considerar o direito do ser humano à literatura, afirma:

Em termos coletivos, é a rememoração da narrativa que forja um povo e lhe dá patrimônio cultural e ético. [...] defendendo o direito que tem todo o cidadão à leitura da literatura (e ao conhecimento da história, por extensão), e sempre acentuando a importância da democratização da leitura literária. Ambas (literatura e história) levam a compreender melhor a realidade e a condição humana.

Comungando com as ideias dos estudiosos brasileiros sobre o poder da literatura no homem está o peruano Mario Vargas Llosa, que em seu ensaio *A literatura e a vida* (1993) tece argumentos nos quais credita a presença da literatura na vida social como “atividade insubstituível para a formação do cidadão numa sociedade moderna e democrática [...] e que, por isso mesmo, *deveria ser inculcada nas famílias desde a infância*” (LLOSA, 1993, p. 379 - grifo nosso).

estou convencido de que uma sociedade sem literatura, ou na qual a literatura foi relegada, com certos vícios inconfessáveis, às margens da vida social e convertida pouco menos que num culto sectário, está condenada a se barbarizar espiritualmente e a comprometer sua liberdade (LLOSA, 1993, p. 378).

Llosa (1993) acredita que a literatura integra os homens, fazendo-os serem iguais entre si na condição humana; conforme sua perspectiva sociológica, a grande obra de arte literária nos afasta dos preconceitos, mostrando o que e como somos em nossa integridade.

Nada ensina melhor que a literatura a ver, nas diferenças étnicas e culturais, a riqueza do patrimônio humano e a valorizá-las como uma manifestação da sua múltipla criatividade. Ler boa literatura é se divertir sim, porém, também, aprender dessa maneira direta e intensa que é da experiência vivida através das obras de ficção [...] com nossos atos e sonhos e fantasmas, separados ou na

Formando pequenos leitores: o direito e o poder da literatura na educação infantil

Forming young readers: the right to literature and its power in child education

trama de relações que nos vinculam aos outros, em nossa presença pública e no secreto de nossa consciência, essa complexíssima suma de verdades contraditórias [...] de que está feita a condição humana. [...] a ficção não existe para investigar uma área determinada da experiência, mas para enriquecer imaginariamente a vida [...] Por isso Marcel Proust afirmou: “A verdadeira vida, a vida por fim esclarecida e descoberta, a única vida, portanto, plenamente vivida, é a literatura” (LHOSA, 1993, p. 380-381).

Em outro texto clássico, *O direito à literatura* (2004), Candido, além de retomar suas reflexões anteriores, sinaliza categoricamente a principal função da literatura: a humanização das pessoas.

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 249).

Essas sábias palavras provocam-nos uma reflexão sobre a proximidade e a distância de quem recebe a obra literária com a realidade e com a ficção, permitindo-nos discutir e analisar o papel que esta assume, tanto no adulto como na criança, pois a literatura “[...] não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza no sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1972, p. 805).

2. A importância da literatura na Educação Infantil

As pesquisas advindas da psicologia e psicolinguística têm permitido compreender melhor o processo de desenvolvimento infantil. Na concepção de Jean Piaget (1978), a etapa sensório motora (0 a 2 anos) caracteriza-se como uma fase muito importante no desenvolvimento humano, pois, segundo o autor, é nesse período que a criança utiliza seus sentidos para interagir com o

meio em que está inserida. A referida fase é entendida por Piaget (1975) como complemento no desenvolvimento posterior, e as intervenções realizadas durante essa etapa não somente revelam resultados imediatos, como também capacitam à aprendizagem futura. O estudioso acredita na existência da inteligência antes da linguagem, todavia não crê que o pensamento preceda a linguagem. A partir dos 2 anos, inicia-se o desenvolvimento motor, a ampliação da linguagem, as autodescobertas e redescobertas dos outros, bem como do estabelecimento de contatos afetivos.

Essa fase de desenvolvimento da linguagem na criança é também um período de muitas curiosidades e brincadeiras, por essa razão, é fundamental que o adulto estimule o brincar na criança durante essa fase da vida, pois, é sem dúvida, um real aprendizado de dar e receber, negociar, explorar o próprio corpo, e desenvolver habilidades motoras. Através do jogo, do brincar e da exploração do brinquedo, observa-se o comportamento das crianças, no que se diz respeito às atividades físicas e mentais envolvidas e as características de sociabilidade que o jogo proporciona (SANTOS, 2009, p. 23).

Dando relevância à linguagem no processo de desenvolvimento infantil, Vygotsky (2000) defende que a função desta é eminentemente comunicativa, ou seja, “A linguagem é, antes de tudo, um meio de comunicação social, de enunciação, de compreensão” (VYGOTSKY, 2000, p. 11), expressando e organizando o pensamento da criança. Nos dizeres de Wallon (*apud* NASCIMENTO, 2004, p. 60), “a linguagem é suporte e instrumento para os progressos do pensamento e para a construção do ‘eu’, revelando as diferentes fases pelas quais passa a criança”.

[...] a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais. (VYGOTSKY, 1984, p. 31)

Formando pequenos leitores: o direito e o poder da literatura na educação infantil

Forming young readers: the right to literature and its power in child education

Um dos eixos básicos da Educação Infantil é o trabalho com a linguagem, pois se reconhece essa competência como primordial para a formação do sujeito, na sua interação com as outras pessoas e com a sociedade, além de ser ela a responsável pela orientação das ações e o desenvolvimento do pensamento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) destacam a importância do trabalho com o texto literário nas práticas educacionais cotidianas com vistas à formação de leitores e à transformação de indivíduos.

Uma aprendizagem significativa da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, desenvolverá gradativamente as capacidades associadas às quatro competências lingüísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever, possibilitando o acesso da criança ao mundo letrado (BRASIL, 1998, p. 117).

Nesse intenso processo de desenvolvimento da linguagem, o adulto (os pais, e aqui pensando no papel da escola, os educadores) é figura primordial, servindo de estimulador da criança nas inúmeras possibilidades de conversação e expressões que contribuirão satisfatoriamente na aquisição da linguagem oral e que posteriormente servirão de suporte no ingresso ao mundo dos livros, da leitura e da escrita. Faz-se essencial compreender que “Para que o convívio do leitor com a literatura resulte afetivo, nessa aventura espiritual que é a leitura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes está a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil” (COELHO, 2000, p. 32). Tal inclusão do leitor na literatura não está sujeita apenas à sua faixa etária, mas primeiramente, como pontua Coelho (2000, p. 33), à “inter-relação entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico, afetivo, intelectual e grau de conhecimento de leitura”. Bamberger (1977, p. 36) constata que dos 2 a 5 ou 6 anos

é a fase de mentalidade mágica, em que a criança faz pouca diferença entre o mundo externo e o interno. A literatura vai ajudá-la a fazer a distinção entre o “eu” e o mundo, através dos livros, de gravuras de objetos de seu meio. Entre 4 a 6 anos a criança prefere a leitura do realismo mágico: contos de fadas, lendas, mitos, fábulas, que podem oferecer mudança imaginativa, pois nessa

fase do seu desenvolvimento a criança é essencialmente suscetível à fantasia.

As crianças correspondentes à chamada primeira infância (0 a 5 anos) introduzem-se no processo de desenvolvimento da linguagem realizando pré-leituras, uma vez que ainda não são alfabetizadas. De acordo com Aguiar (2004), é nesta etapa pré-escolar que a criança lapida as competências e habilidades que a tornarão capaz para o aprendizado da leitura, mediante a construção de símbolos, desenvolvimento da linguagem oral e percepção, conseguindo estabelecer relações entre as imagens e as palavras.

Os interesses voltam-se, nesta fase, para histórias curtas e rimas, em livros com muitas gravuras e pouco texto escrito, que permitem a descoberta do sentido muito mais através da linguagem visual do que da verbal. Paralelamente, estão presentes as histórias mais longas, que falam das situações do cotidiano infantil e são lidas ou contadas pelo adulto (AGUIAR, 2004, p. 25).

Na trajetória de inserir as crianças pequenas no mundo da leitura literária é preciso, como informa Meirelles (2010), que os educadores garantam o acesso a vários gêneros e livros para promover a aprendizagem e o desenvolvimento de atitudes e habilidades necessárias para a edificação do futuro leitor. O professor deve criar um “cantinho da leitura”, estimulando a criança no hábito de ler; deve também dispor da “hora do conto”, lendo histórias, dramatizando-as e abrindo espaço para as crianças narrarem as suas histórias do cotidiano, propondo desenhos de personagens, pinturas, recontos e encenações. Essas estratégias promoverão o acesso da criança ao livro de forma espontânea e prazerosa. Simões (2000, p. 26) lembra que:

nos momentos de leitura, o educador deve sempre procurar ser literal e dar certo caráter interpretativo a sua leitura usando variações de entonação de forma clara e agradável. [...] O educador deve procurar agir como elemento incentivador do interesse das crianças pelo enredo, comportando-se não somente como leitor das histórias, mas também, demonstrando entusiasmo e curiosidade, como mais um ouvinte.

Formando pequenos leitores: o direito e o poder da literatura na educação infantil

Forming young readers: the right to literature and its power in child education

Ainda consoante o autor, as histórias contadas estimularão a imaginação das crianças, auxiliando em seu desenvolvimento intelectual, afetivo, levando-as a reconhecer alguns de seus problemas. Para tanto, é preciso saber narrar histórias. A arte de contar histórias

é que equilibra o que é ouvido com o que é sentido. O narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração. [...] E para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto [...]. Ah, é bom evitar as descrições imensas e cheias de detalhes, deixando o campo mais aberto para o imaginário da criança. [...] Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...” [...] Ah, não precisa ter pressa de acabar (ABRAMOVICH, 1993, p. 21).

A literatura é, portanto, atividade de socialização que permite aos infantes o primeiro contato com o código e suas estruturas. O contato surge mesmo antes de se aprender a decodificá-lo e, pela observação do adulto, ouvindo histórias, percebendo rimas e se encantando pelo fascinante universo das palavras, as crianças iniciam o percurso mágico de tornarem-se leitores literários.

Na educação infantil, ler com os ouvidos e escrever com a boca (situação em que a educadora se põe na função de enunciativa ou de escriba) é mais fundamental do que ler com os olhos e escrever com as próprias mãos. Ao ler com os ouvidos, a criança [...] aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita, aprende as palavras escritas. Somente assim podemos considerar que a alfabetização (ou o letramento) é uma condição fundamental da educação infantil (BRITTO, 2005, p. 18-19).

A seleção das obras a serem trabalhadas com as crianças deve pautar-se, essencialmente, em livros e textos de literatura infantil, cujo conteúdo tenha formas recreativas e/ou didáticas. Como arte, a literatura infantil necessita ser apreciada e deve corresponder à intimidade dos pequenos, uma vez que a criança revela um apetite voraz pelo belo e novo, encontrando na literatura infantil o alimento adequado para os anseios de sua psique. “a literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as

inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas” (FRANTZ, 2001, p. 16), ou seja, conforme aponta Meirelles (1984, p. 32) “A literatura não é, como tantos supõem, passatempo. É uma nutrição”.

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados (CARVALHO, 1989, p. 21).

Formando pequenos leitores: o direito e o poder da literatura na educação infantil

Forming young readers: the right to literature and its power in child education

O Estatuto da Literatura Infantil (2003), de Regina Zilberman entende ser imprescindível e vital um redimensionamento na relação entre literatura e ensino, de modo que transforme a literatura infantil na ponte para um saudável diálogo entre obra e futuro leitor. Nelly Novaes Coelho (2000, p. 15) expõe lucidamente que “A literatura em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em transformação: a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola”.

Zilberman (2003) descreve a literatura voltada para as crianças dentro de uma duplicidade funcional, pois assume um caráter pedagógico dominante nos infantes, transmitindo normas morais, ao mesmo tempo em que se torna um meio de acesso ao real, já que facilita a ordenação de experiências existentes através do conhecimento de histórias e a expansão de seu domínio linguístico. O livro infantil não tem um tema ou forma específicos (perpassa o medo, amor, carências, perdas, descobertas, alegrias, etc), caminhando facilmente da realidade para o maravilhoso e o fantástico, incorporando ao texto a ilustração e modalidades específicas, como o conto de fadas ou a história com animais. A fantasia é, de acordo com Zilberman (2003) um elemento crucial no texto dirigido à infância, permitindo à criança compreender o mundo, preenchendo as suas lacunas durante essa fase da vida e auxiliando-a a organizar suas experiências.

Considerar o livro para crianças um objeto estético, é reconhecer-lhe o estatuto de arte, [...] e perceber sua capacidade de construir um espaço textual plurissignificativo do ser humano diante do mundo. A questão é complexa porque envolve, apenas, o questionamento do fenômeno artístico literário, mas confronta as categorias estéticas com o delineamento infantil. Dessa forma, *a discussão do estético está ligada a uma ética do imaginário*: há um leitor/criança com o qual o escritor/adulto deseja construir uma ponte em que as setas do significado apontem nos dois sentidos e reciprocamente (TURCHI, 2004, p. 38 - grifo nosso).

A linguagem do texto literário infantil é um ponto de importância fundamental para a degustação da obra pelos pequenos. O leitor infantil requer uma linguagem simples, bem cuidada e agradável, para que o texto não se torne medíocre. “Quanto mais depurada a expressão, quanto mais simples e bela a entonação da linguagem, mais a criança apreciará a leitura, para qual se sentirá mais atraída” (SOSA, 1978, p. 39).

Em outras palavras: leitor e texto precisam participar de uma mesma esfera de cultura. O que estou chamando de esfera de cultura inclui a língua e privilegia os vários usos daquela língua que, no correr do tempo, foram constituindo a tradição literária da comunidade (à qual o leitor pertence) falante daquela língua (LAJOLO, 2008, p. 45).

Vale assinalar que o vínculo com a pedagogia foi, durante séculos um empecilho à consolidação da literatura infantil enquanto arte e que, apenas há algumas décadas a poesia infantil conseguiu adquirir estatuto artístico, uma vez que os autores passaram a conferir-lhe um novo tratamento. A linguagem poética é permeada de imagens, símbolos, sonoridade, atributos que conduzem a sensibilidade da criança, que conferem a ela maior capacidade criadora.

Além da linguagem, na literatura infantil “o estreitamento do diálogo entre texto verbal, ilustração e projeto gráfico atingiu um padrão estético muito elevado” (TURCHI, 2004, p. 39), isto é, ilustração e projeto gráfico mostram-se elementos vitais na constituição da obra como um todo e na compreensão global dos significados no imaginário infantil. Ainda de acordo com Turchi (2004, p. 39-40) “a ilustração ganhou espaço de relevo no livro

infantil em função de um diálogo entre os elementos que compõem a obra, especialmente entre ilustração e o texto literário”.

Há prazer de folhear um livro, colorido ou branco e preto [...] livros feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade, são, sobretudo, experiências de olhar, de um olhar múltiplo, pois se vê com o olhar do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e os personagens de modo diferente, conforme percebem o mundo. Saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo, a visão (ABRAMOVICH, 1993, p. 33).

Deste modo, é mediante a leitura literária infantil que a subjetividade da criança é virtualmente invadida, a leitura é um recurso para a integração do leitor mirim à existência social. A literatura infantil, segundo Regina Zilberman (2003), acaba por legar um horizonte de expectativas (estético e ético), assume traços educacionais e, sobretudo, organiza a percepção infantil do mundo.

Considerações finais

Em virtude da explanação realizada em torno do tema da importância da literatura na primeira infância, é lícito afirmar que sua presença na Educação Infantil é ferramenta indispensável no desenvolvimento cognitivo, linguístico e afetivo das crianças, tornando-se um objeto capaz de servir de janela para vislumbrar um universo que ainda está por se descobrir pelos pequenos. Discernir adequadamente como trabalhar com esse poderoso instrumento de transformação humana é tarefa que equipe pedagógica e educadores devem realizar cuidadosamente, usufruindo-se da literatura infantil como veículo responsável pela construção da subjetividade e trampolim para a efetivação do hábito de leitura nas crianças.

ABSTRACT : Reading is (re) interpreted life and the world through the prism of art, a key process in the formation of critical and emancipated individuals. Encouraging literary reading from an early childhood raises great possibilities for this habit to be permanently incorporated in young readers' life. The major

Formando pequenos leitores: o direito e o poder da literatura na educação infantil

Forming young readers: the right to literature and its power in child education

premise of this study lies in demonstrating, through literature review, the relevance and contribution of literature in the social, cognitive and emotional development and in the literacy of children from childhood, forming readers even when they still cannot decipher the language's code of reading and writing. To this end, we intend to employ theoretical approaches about the subject included in the works of Antonio Candido (1972; 2004), Regina Zilberman (2003), Nelly Novaes Coelho (2000), Fanny Abramovich (1993), Maria Zaira Turchi (2004), among others.

Keywords: Reading. Literature. Children's literature. Childhood education.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira. Formação do Leitor. In: CECCANTINI, J.L.C.T., PEREIRA, R.F. & ZANQUETA JR, Juvenal. (orgs.) *Pedagogia cidadã: cadernos de formação - Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004. vol 2.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (v. 3)*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998.

BRITTO, Luiz Percival L. Letramento e Alfabetização: implicações para a educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulard & MELLO, Suely Amaral. (orgs.) *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. Campinas: Autores Associados, 2005. – (Coleção polêmicas do nosso tempo, 93)

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In:

_____. *Ciência e Cultura*. São Paulo: EDUSP, 1972.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. *A literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica*. 6.ed. São Paulo: Global, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: Teoria – Análise - Didática*. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. 3. ed. Ijuí - RS: Ed. UNIJUI, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

LLOSA, Mario Vargas. A literatura e a vida. In: _____. *La verdad de las mentiras*. Lima: PEISA, 1993.

MACHADO, Ana Maria. Pelas frestas e brechas: importância da literatura infanto-juvenil brasileira. In: _____. *Balaio: livros e leituras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. Literatura, muito prazer. In: *Revista Nova Escola*. São Paulo. Agosto, 2010.

NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. A criança concreta, completa e contextualizada: a Psicologia de Henri Wallon. In: CARRARA, Kester (org.). *Introdução à psicologia da educação: seis abordagens*. São Paulo: Avercamp, 2004.

PIAGET, Jean. *A epistemologia genética: sabedoria e ilusões da fi-*

Formando pequenos
leitores: o direito e o
poder da literatura na
educação infantil

Forming young
readers: the right
to literature and its
power in child
education

losofia - problemas da psicologia genética. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *O nascimento da inteligência na criança*. Tradução: Álvaro Cabral e Cristiane Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SAMORI, Debora Perillo. *Infância e literatura infantil: o que pensam, dizem e fazem as crianças a partir da leitura de histórias? A produção de culturas infantis no 1º ano do Ensino Fundamental*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, 2011.

Moisés Gonçalves dos
Santos Júnior

Marcela Verônica
da Silva

174

SANTOS, Célia de Jesus. *A contribuição da literatura infantil na formação do pré-leitor no Centro Municipal de Educação Infantil Dr. Álvaro da Franca Rocha*. Salvador: Universidade do Estado da Bahia. Monografia, 2009.

SIMÕES, Vera Lúcia Blanc. *Histórias infantis e aquisição da escrita*. São Paulo: Ática, 2000.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. Tradução: James Amado. São Paulo: Cultrix, 1978.

TURCHI, Maria Zaira. O estético e o ético na literatura infantil. In: CECCANTINI, João Luís. (org.) *Leitura e literatura infanto-juvenil* – Memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZILBERMAN, Regina. O Estatuto da Literatura Infantil. In: _____. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.